



B-500



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário: Manuel Virginio Pires

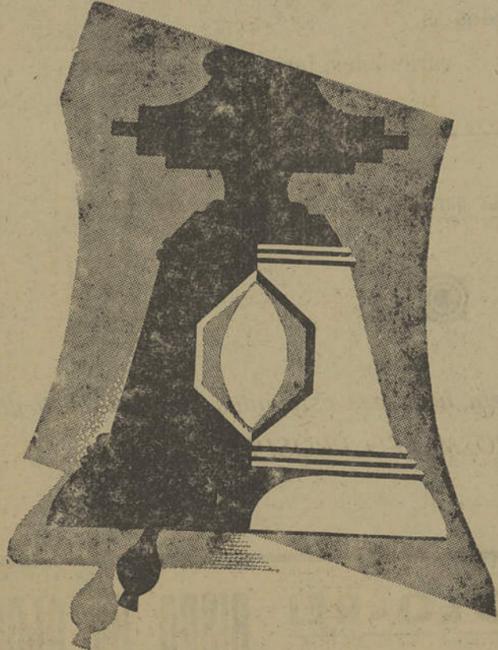
SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13—Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266—TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2

AS PRIMEIRAS

S O A R A M



BADALADAS DE

1966

FÓI SAGRADO

O NOVO BISPO DA DIOCESE

CERIMÓNIA A QUE PRESIDU O NÚNCIO APOSTÓLICO

No passado dia 26, numa cerimónia imponente, foi sagrado o novo bispo do Algarve, sr. D. Júlio Tavares Reimbimbas, até há pouco pároco da freguesia de Ilhavo.

Foi prelado sagrante o sr. D. Manuel de Almeida Trindade, bispo de Aveiro, e consagrantes os srs. D. Francisco Maria da Silva, arcebispo-primaz de Braga e D. Frei Francisco Rendeiro, bispo coadjutor de Coimbra. Presidiu ás cerimónias o Nún-

cio Apostólico em Lisboa, monsenhor Maximiliano de Fursenberg.

A cerimónia celebrou-se no magnífico Pavilhão de Desportos, que ornamentado com simplicidade, mas condignamente, oferecia um aspecto admirável. No centro do rectângulo ergueu-se o altar e de um e de outro lado, em referência aos topos, tomaram lugar as autoridades civis e eclesiásticas. Na parte interior das janelas viam-se colchas garridas e verdura.

Constou de três partes a cerimónia pontifical da sacração: parte preliminar ou preparatória antes da missa, com juramento e interrogatório ou exame do eleito; a segunda, que é a sacração propriamente dita, antes do Evangelho; a terceira, depois da bênção final, que até

TROVA

Morre um ano, há sempre festa
Porque outro novo se talha,
E a vida é sempre o que resta
Entre o berço e a mortalha.

V. P.

O JUIZO DO ANO

NUNCA fomos interessados por curiosidades murmuradas ao ouvido, mas vivamente inclinados a levantar o véu que esconde o futuro, passamos a vida nos consultórios dos astrólogos, videntes e seus correligionários, na esperança de tirar partido duma ciência de antecipação.

Por isso, quando o tempo dobra a esquina do ano para

enfiar pela rua do outro, e sentindo aproximar-se aquele segundo de pausa entre duas marés cronológicas, apresentámo-nos na sala de espera do famoso dr. Passe-Passe, especializado em ciências transcendentais e vidente de primeira categoria, para lhe pedirmos o favor de antecipar para o nosso jornal alguns pormenores do juízo do ano de 1966.

(Continua na 3.ª página)

TENENTE CORONEL CARDEIRA DA SILVA

Por ter deixado o comando do C. I. S. M. I., lugar que desempenhou com muito brio e elevado espírito militar, em virtude de muito em breve partir para a nossa provincia de Angola, em serviço de defesa da nossa soberania, teve a gentileza de vir à nossa redacção apresentar-nos cumprimentos de despedida.

Ao nosso prezado amigo sr. tenente coronel Joaquim Francisco Rijo Cardeira da Silva, desejamos muitas felicidades no cumprimento da sua nobre missão.

O "Povo Algarvio"

Deseja aos seus Amigos Colaboradores e Leitores

um ANO NOVO MUITO PRÓSPERO

Este número foi visado pela Censura

"ALGARVE" uma prenda de Natal

FOMOS alegremente surpreendidos no Dia de Natal, com a oferta da primorosa obra «Algarve», de Artur Pastor, livro que em breve irá surgir nas montras e escaparates das principais livrarias do País.

Esta foi, sem dúvida, a nossa melhor prenda desta quadra festiva! Aquela que calou mais fundo no nosso coração de al-

POR Liberto Concelção

garvio. E não admira! Tudo que nos fala do Algarve faz vibrar a nossa sensibilidade e desperta em nós as saudades pela terra que nos viu nascer.

Embora o Autor de «Algarve» seja hoje um artista de reconhecido valor e a ele nos liguem laços da mais profunda

(Continua na 2.ª página)

DO ALGARVE

ao fim dos tempos medievais representava o encerramento do acto litúrgico da missa. Todo o cerimonial durou mais de três horas, desde pouco depois das 15 até quase às 19.

Entre outras pessoas, assistiram ás cerimónias os srs. governadores civis e presidentes das Câmaras Municipais e das juntas gerais de Aveiro e de Faro, os srs. D. Manuel Maria Ferreira da Silva, arcebispo titular de Cízico, D. Manuel dos Santos Rocha, arcebispo-bispo de Beja, e D. Francisco Manuel Teixeira, bispo de Quelimane, todos naturais da diocese de Aveiro.

As armas de fé do novo bis-

(Continua na 2.ª página)

FESTA INFANTIL PARA AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES

No dia 23 de Dezembro último, realizou-se no Salão de S. Brás uma festa infantil dedicada ás famílias dos pescadores.

O programa constou de recitativos, cânticos e uma peça representada pelas crianças que frequentam a Casa de Trabalho da Escola de Pesca de Tavira e que se desempenharam muito jeitosamente.

Entre a assistência que enchia o vasto Salão encontrava-se o sr. Comandante Brito, ilustre Director da Escola; o sr. Comandante Pimentel, capitão dos portos de Tavira e Vila Real de Santo António; e a Direcção da Casa dos Pescadores, além de muitas famílias dos mesmos.

Dentro da campanha de comemorações natalícias promovida pela Junta Central, organizou esta interessante festa a sr.ª D. Elisa da Visitação Gomes que pôs nela todo o carinho e primor que costuma dedicar aos serviços da sua dependência.

Para esta senhora e suas auxiliares vão os nossos parabéns.

VESTIDO PARA A PASSAGEM DO ANO

AFADIGAM-SE as senhoras a escarafunchar pelos figurinos modelo de vestido para a cela do fim do ano. Escolhido o dito, moem os fígados ás modistas para que assente melhor que uma luva, engorde as magras, emagreça as gordas e, enfim, torne bonitas e airoas as que por sorte o não são.

Aqui lhes deixamos as indicações para uma toilette que fez sensação em Benarés, na Índia: Corpete de musselina e saia brochada a oiro, onde fulguravam seiscentos pirilampos.

Parecia um vestido de fada, onde chamas azuladas, fosforescentes, punham luciflações de sonho, como tünica de Geraldine na dança da Serpentina.

E como os pirilampos não são muito frequentes neste tempo, talvez uma quantidade de lâmpadas eléctricas, das que sobejam das festas da cidade, possam substituí-los. Aqui fica a ideia.



— Na fase final de Corta-Mato do Natal, efectuada há dias em Portimão, a equipa desta Escola classificou-se em 1.º lugar ganhando assim a taça «Governador Civil de Faro». Este êxito, deve-se sobretudo à forma muito proficiente com que vêm sendo preparados, os fillados, por parte do sr. prof. Américo Solipa.

— Foi nomeado para desempenhar na ala de Tavira as funções de Instrutor da M. P., o sr. Orlando dos Santos Rego. Também se espera que advenham bastantes benefícios para a formação dos nossos jovens, a inclusão deste novo elemento, nos quadros da nossa Escola Técnica, porque se trata de pessoa especialmente qualificada para tal e ainda pela sua seriedade e espírito de bem servir.

— As aulas reabrem na manhã da próxima 2.ª feira, dia 3 de Janeiro.

— Publicaremos neste jornal, alguns dos desenhos e versos, elaborados por alunos, para a edição de uma nova série de Postais de Intercâmbio Escolar, destinados aos cumprimentos de Boas Festas que eles enviaram aos colegas de outras escolas técnicas da Meirópole, Ilhas e Ultramar.

Que o Novo Ano nos traga:

- MAIS LUZ NOS ESPÍRITOS E NAS RUAS DA CIDADE.
- A PONTE DE LIGAÇÃO PARA A PRAIA DE TAVIRA.
- UM NOVO RELÓGIO NA TORRE QUE MARQUE HORAS ACERTADAS.
- A CONSTRUÇÃO DO TÃO FALADO E ALMEJADO HOTEL D. AFONSO III, NA HORTA DE EL-REL.
- MAIS ASSEIO NAS ALMAS E NAS ARTÉRIAS PÚBLICAS.
- AS URBANIZAÇÕES COMPLETAS DA ILHA DE TAVIRA E DA HORTA DE EL-REL.

ALGARVE — UMA PRENDA DE NATAL

(Continuação da 1.ª página)

amizade — amizade que cimentamos durante longos meses de convívio diário da árdua vida militar — e que temos sabido manter sempre viva até ao momento presente.

Embora não tivéssemos esquecido o êxito extraordinário que Artur Pastor obteve com a publicação do seu livro «Nazaré» e os inúmeros prémios que tem vindo a conquistar em Salões Internacionais de Arte Fotográfica e noutros certames realizados entre nós.

Embora sabendo do amor, da dedicação ilimitada, do enlevo, da ternura e do entusiasmo com que nos falava sempre do Algarve e do desejo de mais dia menos dia publicar um livro dedicado à Província do Sul a que ficara preso...

O que é certo é que estávamos longe da agradável surpresa de ver o «nosso» Algarve de encantos mil descrito e retratado com tanta arte e espírito de observação como o fez Artur Pastor.

Dir-se-ia que a sua alma de Poeta arrancou da velha «Roiefflex» motivos paisagísticos e figuras típicas do Algarve que parecem retalhos dum extraordinário livro de versos, tal a riqueza dos seus recortes e os pormenores das suas máscaras mais características.

Vamos desfolhando uma a uma as páginas do seu livro e ficamos, em cada volta, mais presos aos encantos de nossa terra! Parece que os seus olhos, o seu coração e a sua alma, viram e interpretaram o Algarve dum modo diferente! Tão diferente que até nós, que tanto lhe queremos, o achamos agora ainda mais belo, mais fascinante!

Que estranho sortilégio ou magia nos mostra agora um Algarve mais exuberante de luz e cor! Mais cheio de pinceladas típicas onde sobressaem os motivos de pesca, as figuras curvadas pelos anos dos nossos pescadores e montanheiros!

Alguns lugares e recantos de nós tão conhecidos surgem-nos agora de uma beleza diferente! Parece-nos quase irreais no encanto do seu colorido e nos contrastes dos seus claros-escuros. O casario assume agora aspectos duma beleza invulgar com:

«As chaminés rendilhadas, Afrosas, olhando os céus.»

a fazer lembrar que

«São lenços de namoradas, Acenando um terno adeus.»

Para não falar também nas velas brancas das nossas canoas da «sacada» que, desfraldadas ao vento, caminhando velozes sobre um Oceano quase sempre calmo e transparente, nos lembram gaivotas em dias de temporal!

... E como Artur Pastor — Alentejano de boa cepa — se prendeu aos encantos da nossa terra, sobretudo ao Mar Algarvio, ele que apenas conhecia o ondular calmo das cearas na extensa planície Alentejana!

As suas fotos da pesca do atum são o melhor documentário fotográfico que conhecemos sobre o assunto e retratam de maneira ímpar a alma dos nossos pescadores.

Temos a certeza que o novo livro de Artur Pastor — «Algarve» — será um êxito ainda maior que o seu «Nazaré».

Para os Algarvios ele será como que a «sua» Bíblia onde apeetece, dia a dia, voltar uma página, para nos deliciarmos a olhar esses lugares que permanecem sempre vivos na nossa alma e na nossa saudade, ou para reler a descrição de velhos recantos e costumes que enternecem e prendem o espírito dos Algarvios, tão apegados aos encantos da sua linda Província.

Silêncio! Escutemos, pois, em recolhimento, o que nos diz Artur Pastor da nossa querida Tavira:

«Em Tavira, além da Ponte Romana, de sete arcos, sob a qual desliza tranquilamente o Rio Gilão, e do Arco da Misericórdia, encimado pelas armas manuelinas — uma das antigas portas da cidade árabe — existem numerosas igrejas, cuja variedade e interesse levaram a apelidar esta cidade de «Roma Algarvia».

A igreja de Santa Maria do Castelo, monumento nacional, foi mesquita árabe. Da igreja gótica, construída sobre a mesquita, restam apenas o pórtico, o lado poente, as capelas laterais e o altar-mor, onde se encontram sagradamente depositados os restos mortais de D. Paio Peres Correia, libertador do Algarve, e dos sete cavaleiros cristãos mortos à traição pelos mouros. Imponente monumento manuelino é, nesta igreja, a capela do Senhor dos Passos, totalmente revestida de azulejos seiscentistas.

A igreja da Misericórdia, o mais belo templo de Tavira, outra obra rara, é a única igreja de três naves, existente em Portugal, que não possui capela-mor. Muito notáveis são os seus painéis de azulejo, datados de 1760, e o lindo pórtico renascentista.

Em estilo Renascença é também a magnífica igreja de Nossa Senhora da Ajuda, vulgarmente chamada de S. Paulo.

Todavia, a mais deslumbrante talha lourada, autêntica obra-prima algarvia, admira-se na igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, sobretudo no altar-mor. Todo o imenso interior deste templo carmelita, obra dos finais do Século XVIII, nos manifesta a elegância do rococó do reinado de D. José, em que os velhos moldes tradicionalistas portugueses sofreram a influência francesa, etc.

«De modo um tanto imprevisito surge a cidade, como mágica aguarela, desdobrada paralelamente e a curta distância do Mar.

A lendária TAVIRA tem a sua fundação perdida na nebulosidade dos séculos. Colónia grega, três centúrias antes do Jesus Cristo? Mais remota ainda, instalada por Briga, chefe dos turdulos? Não se sabe ao certo. Os árabes chamara-lhe *Tavira* e mais tarde os portugueses deram-lhe os nomes de Tavira e Tavira.

O concelho é dos maiores e mais prósperos do Algarve, já rico em pomares na era romana. Não longe se situava Balsa, notável urbe da mesma época.

Tavira conserva gloriosas tradições. O seu passado histórico, o seu ambiente aristocrático, senhoril, diferente das restantes localidades do Algarve, imprimiu-lhe um cunho particularmente digno e evocativo.»

A Tavira quase poderia chamar-se a Cidade Santa do Algarve, pela profusão e vetustidade das suas igrejas. Templos e conventos se nos deparam por toda a parte. As suas cúpulas assemelham-se a pombas brancas que sucessivamente tivessem pousado. Ao entardecer, a cidade dir-se-ia rezar Ave-Marias.

Tavira, que vista de longe é um mar de torres e de abóbodas, conserva hábitos distintos tradições artísticas, notáveis e antigas. Berço de poetas e batalhadores, parece ainda adormecida num ambiente de sonho. Tranquila, rica, de casas grandes e brasonadas, terna, saudosa, Tavira é diversa das restantes cidades do Algarve.

Do seu Castelo, chamado dos Mouros, domina-se largo panorama do casario e do mar, miradouro aberto sobre o horizonte. Os típicos telhados de quatro águas, intitulados de

ANTÓNIO INÁCIO DOS SANTOS

TELEFONE 34 — VILA NOVA DE CACELA

Representante dos afamados rádios SIERA e NATIONAL e das mais reputadas marcas de Máquinas de Costura

SECÇÃO AGRÍCOLA

Adubos, batatas para semente de todos as

variedades, farinhas para rações, etc. etc.

Mondas químicas e absoluta garantia no tratamento de árvores



O seu Proprietário deseja aos seus estimados Amigos e Clientes
UM ANO NOVO MUITO PRÓSPERO

P. S. P. de Faro

A P.S.P. de Faro, no dia 22 do corrente, no período das 4 às 7 horas, realizou uma operação Stop, para o trânsito de veículos, com 3 postos em Faro, 2 em Portimão, 1 em Silves, 1 em Loulé, 1 em Olhão, 1 em Tavira e 1 em Vila Real de Santo António, com os seguintes resultados:

Veículos fiscalizados: Em Faro, 27; Portimão, 23; Silves, 3; Loulé, 10; Olhão, 20; Tavira, 13; Vila Real de Santo António, 15.

Nos 111 veículos fiscalizados não foi verificada qualquer infracção. Esta operação foi dirigida pelo Chefe de Esquadra sr. António Rodrigues Páscoa.

TOTOBOLA

18.ª jornada 9/1/1966

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Beira-Mar — Varzim	1
2	Barcelos — Porto	2
3	Leixões — Cuf.	1
4	Benfica — Académica	1
5	Braga — Belenenses	x
6	Setúbal — Guimarães	x
7	Espinho — Covilhã	2
8	Boavista — Ovarense	x
9	Marinhén. — Penafiel	1
10	Oriental — Atlético	2
11	Casa Pia — Alhandra	x
12	Leões — C. Piedade	1
13	Luso — Sintrense	1

Jorge Cruz

«tesouro», são pinceladas de sépia que não se esquecem.

Ruas estreitas, nas quais, súbitamente, se erguem chaminés enfeitadas, janelas floridas, ou recantos onde se escondem namorados. Como em nenhum outro local, numerosas reixas vedam portas, deixando adivinhar olhares curiosos e indiscretos, como em secreto bairro árabe.

As noites de Tavira são promessas e mensagens. Noites suspensas, voluptuosas, ou festivas como as suas verbenas. Noites que cheiram a gerânios e açucenas. Noites de serenatas, românticas, em que se ciciam segredos e se trocam beijos.

Estas são algumas cores dispersas com que Artur Pastor pintou em primorosa aguarela a nossa saudosa Tavira.

O livro «Algarve» é o mais belo cartaz da linda província do Sul! Obrigado, Artur!

O BOLO-REI

(Continuação da 1.ª página)

mentos. No fim do dia matavam-no.

A festa da Epifania (aparição) celebrava-se entre os gauleses no séc. IV. Talvez deles a herdássemos e adequássemos a um sentido cristão, comemorando o dia em que o Menino-Deus se manifestou aos Reis, em que mergulhou nas águas do Jordão e operou o primeiro milagre público.

Popularmente, na Epifania apenas se representa a visita dos magos.

Na velha Escócia, em vez da fava introduzia-se no bolo-rei um objecto de ouro, um grão de incenso e um pouco de mirra, para recordar as ofertas trazidas pelos Reis.

Nas Saturnais (festividades romanas) ao partir o bolo dizia-se: *Phœbe Domine*, ou seja cá no nosso português mais longo mas mais explícito: — Febo, dá a fava ao mais digno.

Fartos de ver a fava cair a dignos e indignos, cega como a fortuna, omitiu-se a frase, o que foi bastante razoável.

BISPO DO ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

po do Algarve têm a forma normal do escudo em campo de «azur» ou «blao», em uma vela esfundada de navio (de «argent»), carregada de uma estrela (de ouro). Em ponta, contra-chefe ondeado de duas faixas (de sinople e «argent»), de que emerge um mastro com a forma da Cruz do Redentor. Num listel ou filateira, a empresa (divisal): «In verbo tuo». Paquifre ou lambrequim: capelo do bispo com seis borlas sob o qual sobrepuja o escudo, uma cruz processional simples de ouro, ladeada, à dextra, de uma mitra preciosa com suas infulas pendentes e, à sinistra, de um báculo de ouro com crosas voltada para fora, símbolo de jurisdição no foro externo.

Por tal motivo endereçamos as nossas mais respeitadas felicitações ao novo Prelado da Diocese do Algarve, que deverá assumir as suas novas funções espirituais no fim do corrente mês.

HOTEL VASCO DA GAMA

MONTE GORDO

ABERTO TODO O ANO

1.ª CLASSE-A — 200 QUARTOS

RESTAURANTE — BOITE — BAR — PISCINA

Telef. 321-322-323

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

CAIROS DA ÍNDIA

Grosso e fino vende aos melhores preços o importador

OLIVEIRAS SILVA & C.ª, de CORTEGAÇA

ADMITE-SE AGENTE

Anunciar neste jornal é a certeza de um êxito

O Juízo do Ano

(Continuação da 1.ª página)

— O Juízo do Ano — diz-nos o sábio especialista de frases ambíguas — é facilímo de mostrar, mas como é na cabeça que todos os juízos residem, queira V. trazer-me a cabeça do mesmo que por meio duma operação de muito êxito eu mostrarei todo o superior raciocínio que presidirá a este bissexto de... 365 dias, único num século.

Pareceu-nos aquela uma desculpa assim a frei João Sem Cuidados, mas não nos quisemos dar por vencidos:

— Queira V. ilustríssima ponderar que toda a gente diz que os tempos modernos não têm pés nem cabeça e portanto ficamos inibidos de lhe apresentar, como qualquer cabeça de porco que se apresente em travessa rodeada dos costumados acompanhamentos. O que nós precisamos é de uma antecipada biografia para, enfim, nos precavermos e aos nossos leitores também.

O gato preto que dormia aos pés do dr. Passe-Passe abriu um olho verde e distendeu a pata, mostrando as finas garras, e o peixinho do aquário deu três reviravoltas. O dono passou a mão pela face mal escanhada, tossiu e preparou a réplica:

— Poderia dizer-lhe, não tenha dúvida, quantas guerras não-de terminar e principiar, as mortes dos homens notáveis, os números da lotaria premiados, os certos prognósticos do totobola, os naufrágios marítimos e interastrais, mas, caro cliente, se não está na sua mão precaver-se de catástrofes ou receber sortes grandes de que serve antecipadamente amargar-se com tais coisas?

O mocho, poisado sobre a velha cadeira, pareceu aprovar as razões do doutor. Levantou as asas, abriu o bico e recaiu em sonolência, hirtito como um deus egípcio feito da pedra dos rochedos de Abu-Simbel.

Concordámos com o mocho. O conhecimento antecipado das catástrofes que afligem a humanidade põe-nos em situação de angústia que aumenta os flagelos futuros. A preciência das nossas boas fortunas far-nos-ia jactanciosos. Curvamos a cabeça às razões do sábio que fez rebolar uma esfera e nos disse, em resumo:

— Continuarão os termos bombásticos a encher a bolsa de todo-o-mundo.

«Grandes hotéis», «investir capitais», «as coisas em grande», são frases feitas que continuam a correr como as moedas e as notas e, ao contrário destas que diminuem em tamanho e peso, aquelas não-de alargar e sufocar até que outra força as esmague por sua vez. Entretanto — acrescentou com um sorriso benevolente — o melhor é aproveitar o presente que é o ponto da esfera celeste onde os astros são mais propícios.

E foi este um conselho que parece promover algum juízo, não no ano, mas em nós próprios. Aproveitemo-lo.

LAGOS Retratada...

O que havemos de dizer hoje da terra onde nascemos?

Francamente: pouco de bem temos a dizer!

Que mais uma vez, o nosso Director nos encarregou de rabiscar uma página do «Povo Algarvio» um dos jornais publicados no nosso querido Algarve que mais vem dedicando a Lagos o calor, o carinho da sua voz, em defesa desinteressada, sincera, dos seus interesses, enfim, do seu merecido progresso, no número especial do Natal, onde os lacobrigenses, com raríssima excepção, não souberam ou não quiseram colaborar com a mais infima dedicação!

Quase todos os forasteiros, que mastigam aqui o seu pão de cada dia, que só e só pertencem aos naturais, atacam, de quando em vez, a inação dos filhos de Lagos, responsabilizando-os pela imobilidade do progresso da terra onde nasceram, censurando a falta de iniciativa, dizendo que são egoístas, invejosos e muito pouco dados ao trabalho. No entanto são, a maior parte deles, ou quase todos, tão bons como os seus atacados.

Abeiramo-nos de todos eles, naturais e desnaturais, perdendo vários dias, tentando obter a citada colaboração, pois de várias firmas industriais e comerciais temos feito referências gratuitas e, agora, que o jornal deliberou trabalhar nesse número peculiar, pensando dedicar, mais uma vez, uma página a uma velha cidade cuja história está ligada intimamente à velha Tavira, firmadas na mesma provincia, os meus conterrâneos desprezam-nos, voltando-nos costas, demonstrando assim o grau elevado da sua injusta ingratidão!

Até o Turismo local nos voltou as costas, lamureando a recepção das ordens da central, para não gastarem dinheiro com tal propaganda!

Nesta lamentável atitude sofriremos englobamos o «Jornal de Turismo do Porto», o qual, através da pena distinta do seu Director e proprietário, o nosso bom amigo e conterrâneo sr. António Sabino Simões Netto, que tem dedicado à sua pobre terra o melhor do seu esforço e dedicação! E para quê? Ele que só recebeu da maior parte dos seus conterrâneos a reacção envenenadora da inveja!

Francamente: falta-nos já a coragem de continuarmos a nossa tarefa em prol de uma terra onde os indivíduos, a maior parte deles, como caranguejos enormes, em vez de colaborarem honestamente conosco, apenas tentam dilacerar-nos a alma já tão massacrada de golpes e de venenos!

Mas, havenos nós de parar? Nunca! O caminho é para a frente, como muito bem diz o nosso glorioso timoneiro da Nação! Parar, só para verificarmos onde estão escondidos os nossos detractores...

Voltar para trás, nunca!... Seria um verdadeiro crime!

É mesmo por isto que estamos pugnando pelos interesses progressivos da nossa terra e do nosso Algarve, tão vilmente menosprezado por muitos dos seus filhos — os quais tinham, sim, o direito de dever inegável, de se unirem a todos os seus conterrâneos com o fim de vencermos os imensos obstáculos que se opõem à respectiva caminhada.

Mas, não: em todos os tempos assim aconteceu em Lagos, mesmo quando nos surgiram favoráveis oportunidades, tais como: sendo então Ministro das Finanças o nosso conterrâneo sr. Major Velinho Correia, veio certa noite à sua terra natal uma conferência no Teatro Gil Vicente.

Após o seu discurso foi desrespeitado e insultado por alguém, que vociferou, em altos berros, que seu pai não fora «corneta»!

E, afinal, vamos sondar a árvore geneológica de tel arrogância, e deparamos: «Descendente de soldados rasos, cuja fortuna é oriunda de um 1/2 parente, filho de uma tal Francisca Rita, natural da Rapozeira, concelho de Vila

do Bispo e de um galego que faleceu. A viuva casou depois com um homem que tinha sido soldado, de início, natural de Vila do Bispo, do qual deriva a tal pessoa arrogante.

E aquele 1/2 parente que deixou aos seus meios-parentes a fortuna, foi maçônico e usou o pseudónimo de «Viriato», sendo por esse motivo, alvo de uma assanhada perseguição durante a acção Miguelista, sendo forçado a viver escondido!

Velinho Correia, a quem Lagos muito deve o Caminho de Ferro, ficou com pouca vontade de voltar a erguer a sua voz na terra onde nasceu!

São desta forma estes meus conterrâneos, quando alguém procura fazer algo pela sua terra. Aquelas que não fazem aqui de bem, agrupam-se contra os bem intencionados.

O comércio local, grande parte dele, não quiz colaborar com a missão honesta deste jornal! Uns, porque são naturais de Lagos e olham para os seus semelhantes com ar de indiferença, respondendo-nos que mal ganham para as despesas que já têm; outros, os desnaturais, falam mal dos lacobrigenses, mas vão enchendo o cofre e gargalhando cada vez mais.

Entretanto, as entidades camarárias lá vão tentando realizar o traçado dos seus sonhos, embora avançando lentamente, vencendo os muitos obstáculos colocados na sua frente: a falta de colaboração, por vezes, dos seus conterrâneos.

Sabemos que muito em breve, terá lugar, frente à Avenida dos Descobrimentos, o célebre Palácio da Justiça, ficando assim a Câmara da posse de dependências, as quais podem vir a ser destinadas à execução dos Serviços Municipalizados.

Quem nos dera a ventura de chegarmos a ver realizada em Lagos, também a sonhada Estação Postal, digna da nossa cidade.

Enfim, a todos os Ex.^{mos} comerciantes e industriais que souberam compreender a nossa boa vontade de servir Lagos, cedendo-nos os seus valiosos anúncios, não esquecendo a nobre atitude do sr. Carlos Alberto Peres, muito digno gerente do Banco Português do Atlântico, conseguindo dos seus superiores a fineza inquebrável com que nos distinguiram!

A todos, vão os nossos sinceros agradecimentos, com os firmes desejos de Boas Festas e Ano Novo cheio das mais ridentes prosperidades!

Manuel Geraldo

Notícias Pessoas

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Helena da Silva Modesto d'Avilez de Basto, meninas Maria Diná Ramos Afonso, Maria Anabela Pinto Conceição e os srs. José Augusto Baptista Pires, Augusto Domingues da Encarnação Martins e Custódio Sesinando Nobre Lopes.

Em 3 — D. Beatriz da Assunção Galhardo, D. Maria Helena da Silva Rosa e os srs. Carlos de Nery Fernandes Bandeira, João Martins Vitor e António João da Silva Matos.

Em 4 — D. Maria Emília Lopes de Figueiredo e os srs. Amadeu da Silva Fernandes, Carlos do Nascimento Rocha e Carlos Viegas do Nascimento Rocha.

Em 5 — D. Maria José Soares da Fonseca, Fernando Avelino Lopes da Cruz e Luis Manuel da Conceição Esteves.

Em 6 — D. Isabel Figueira, D. Maria Viegas Ventura e os srs. Dr. Eduardo dos Reis Viegas Mansinho, Dr. Virgílio Passos e Benedito Reis Fortunato Dias.

Em 7 — D. Maria Leonor Falcão Bastos Pinto, D. Maria Pereira, D. Júlia Evas Duarte de Matos, menino António José Laranjo Correia, António Joaquim Mendes Milharó e o sr. António de Torres Martins.

Em 8 — D. Maria Olga dos Reis Silva, srs. Túlio Vicente Correia Matos e Luis Rodrigues Coelho e meninas Benedita Faustino e Maria Sousa Miguel.

Cinema Santo António

FARO

Hoje, *Lancelote e a sua dama*, colorido, com Cornel Wilde e Jean Wallace, 17 anos.

Terça-feira, *O amor é coisa de dois*, com Dorys Day e *O caminho da Esperança*, 12 anos.

Quarta-feira, *Se o marido atender... desligue*, colorido, com Sandra Dee, 17 anos.

Quinta-feira, *Uma americana num Hareur*, colorido, com Shirley MacLaine e *As três faces de Eva*, 17 anos.

Sexta-feira, Cine-Clube, só para sócios.

Sábado, em matinée para crianças, *Tarzan e os elefantes*, desenhos, etc. Em soirée, o filme da tarde e *Dois incorrigíveis teimosos*, de estreia com Glenn Ford e Henry Fonda, 12 anos.

Domingo, em matinée e soirée, *Sylvia e a explosão*, com Carol Baker e George Maharis, 17 anos.

Brevemente: *Copacabana Palace*, com Sylva Koscina

ESTE SEMANÁRIO E TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

PLANO HABITACIONAL

BAIRRO RESIDENCIAL «BELA VISTA»

— VALE FETAL — CAPARICA (Concelho de Almada) —

A 3 e 4 quilómetros das Praias do REI — FONTE DA TELHA e COSTA DA CAPARICA

Propriedade Horizontal — a 1500 metros da Auto-Estrada da Ponte sobre o Tejo

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:

15% no acto da inscrição
15% no 3.º mês da construção
20% na entrega das chaves. Os restantes
50% em cinco anos (60 mensalidades)

Andares com 3 casas assoalhadas, Cozinha, Casa de Banho, Despensa e Varandas, desde 100 a 125 contos

Propriedade da Organização Imobiliária

A. SANT'ANA D'ARAÚJO

Praça da Renovação, n.º 7-1.º, Dt.º — Tel. 271 142 — ALMADA

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

NECROLOGIA

D. Teresa da Conceição Osório da Cruz

Faleceu a sr.^a D. Teresa da Conceição Osório da Cruz, de 62 anos de idade, natural da Fuseta, funcionária aposentada dos C.T.T. que durante largos anos prestou serviço em Évora, onde residia.

A falecida, que se encontrava acidentalmente em Torres Vedras, na companhia de sua filha, sr.^a professora D. Maria Teresa Osório da Cruz, que presta serviço nos arredores daquela vila, era esposa do nosso prezado assinante, ex Capitão José Henrique da Cruz.

Em carro funerário chegou à cidade de Évora, na tarde de 17 de Dezembro, tendo ficado depositados na capela do Cemitério da cidade, os restos mortais da inditosa senhora.

Engenheiro José Joaquim Rodrigues Junior

Faleceu repentinamente, na sua casa em Algés, na manhã do passado dia 27 de Dezembro, o sr. Engenheiro José Joaquim Rodrigues Junior, de 69 anos de idade, natural de Tavira, chefe de repartição dos Serviços Hidráulicos.

Deixa viúva a sr.^a D. Teresa de Lemos Rodrigues e era pai da sr.^a D. Maria Geitrudes de Lemos Rodrigues e primo do nosso director, tendo a sua morte causado pesar entre familiares e amigos.

O seu funeral realizou-se no dia 28, após missa de corpo presente da capela dos Anjos, em Algés, para o cemitério dos Prazeres, com grande acompanhamento.

D. Maria Casimira Pimentel da Fonseca e Silva

Vítima de um desastre de automóvel faleceu no hospital de Agueda, a sr.^a D. Maria Casimira Pimentel da Fonseca e Silva, natural de Coimbra, esposa do nosso conterrâneo sr. Filipe da Fonseca e Silva, gerente da Companhia Previdente, residente no Porto.

A falecida era cunhada do nosso assinante sr. Francisco Apolinário da Fonseca e Silva, funcionário municipal, aposentado, residente nesta cidade.

D. Aida Hermenegilda Lopes ferro de Oliveira

Faleceu repentinamente nesta cidade, no passado dia 23 de Dezembro, a sr.^a D. Aida Hermenegilda Lopes Ferro de Oliveira, de 54 anos de idade, natural de Tavira, esposa do sr. Avelino Augusto de Oliveira, funcionário corporativo, residente na capital.

A morte da desditosa senhora causou o mais profundo pesar nesta cidade, onde era muito estimada.

O seu funeral que se realizou no dia 24, foi extraordinariamente concorrido.

José Pedro de Freitas

No passado dia 26 de Dezembro, faleceu na Luz de Tavira, o sr. José Pedro de Freitas, casado, proprietário, de 76 anos de idade.

Deixa viúva a sr.^a D. Brites da Conceição, era pai da sr.^a D. Maria Antónia de Freitas Soares e sogro do sr. Custódio Pires Soares.

As famílias enlutadas endereçamos séntidas condolências.

Pela Imprensa

«Jornal de Almada»

Completo onze anos de publicação o nosso prezado colega «Jornal de Almada», semanário regionalista defensor dos interesses da importante região de Almada.

Ao seu director e proprietário P.^o Manuel Marques, endereçamos as nossas felicitações com votos de muitas prosperidades para o seu jornal.

«Jornal de Moura»

Entrou no seu 46.º ano de publicação este nosso prezado colega, periódico regionalista que vê a luz da publicidade em Moura, importante localidade alentejana.

Por tal motivo endereçamos ao seu director sr. Godinho Cunha, sinceros votos de longa vida para o seu jornal.

«O Montemorense»

Comemorou mais um aniversário este nosso prezado colega que se publica na linda vila alentejana de Montemor-o-Novo.

Ao «Montemorense» e ao seu director, enviamos as nossas cordiais felicitações.

«Flor do Tâmega»

Completo a bonita idade de 81 anos de publicação este nosso prezado colega que vê a luz da publicidade na ridente vila de Amarante.

Para o seu director vão as nossas mais expressivas felicitações.

Armazéns

Alugam-se dois grandes, próprios para qualquer indústria ou comércio, na rua Fonte do Bispo.

Dirigir à Rua D. Marcelino Franco n.º 30, telefone, 72 — Tavira.

Executa com perfeição e aos melhores preços todo o receituário médico. Adaptação técnica de Bitocais, Oculos para crianças, operados a cataratas, etc. Lentes ZEISS PUNKTAL, PUNKTAL CURVITAL, STIGMAL BI FILTRANTE, PHILAX e outras marcas de confiança.

A. Bastos,

Oculista (Profissional)

Rua Bernardino Francisco da Costa, 81 -

(Frente ao Salão de Festas do Inícrivel Almadense)

Telej. 27 12 46

ALMADA

A POESIA DE ANTÓNIO FOGAÇA E O SEU CENTENÁRIO

FOI através da sua segunda edição, publicada na invicta cidade do Porto, em 1903, que eu li, há mais de trinta anos, «Versos da Mocidade» pela primeira vez.

Foi, só então, que conheci a poesia de António Fogaça. Antes, havia lido já o triste António Nobre. Mas só a partir da leitura dos versos de António Fogaça, é que comecei a sentir pena dos infelizes romancesiros do amor e da saudade, a nutrir, mesmo, simpatia por todos os que, para melhor se libertarem da sua dor e tristeza, se mergulhavam no abismo da solidão, para, aí, gota a gota, servidos pela taça cristalina da amargura, saborearem o eco da sua própria voz, embrulhados no manto transparente do inatingível... Foi, através do cálix do seu sentir, que eu, nessa noite triste como a voz do poeta, descobri em mim, o filtro da sensibilidade. Foi, através da poesia de António Fogaça, que este caudaloso rio mais abriu os seus longos braços, dentro do meu peito. Só por este facto, não ficaria de bem com a minha consciência, se não me associasse às merecidas homenagens prestadas a este saudoso filho do romantismo, que foi António Fogaça. Pois é através da distância do tempo, que melhor nos situamos, nesse mesmo tempo. E a demonstrar a exactidão desta verdade, temos o facto de, embora já ter lido, uma dezena de vezes, o livro de António Fogaça, hoje, mais do que em qualquer outra vez, me sinto mergulhar novamente, nesses versos que me rasgaram a alma, nessa noite triste como a voz do poeta.

Faço-o tão embrulhado na sua bela inspiração, que já mais esquecerei poemas como estes que não resisto à tentação de transcrever neste modesto artigo, versos que são pétalas que o próprio tempo não conseguiu — nem já mais conseguirá! — ressequir, de orvalhadas que saíram dos lábios do poeta: «Eu não acreditava / que simplesmente a luz doce d'um olhar / tornasse a alma uma perfeita escrava. / Contudo, ó flor sem par, / quando ontem, passando, tu me olhaste, / mal imaginas que no mesmo olhar / a alma me levaste.»

Bastaria a grandeza do pequeno poema acima transcrito, para provar a veracidade das minhas palavras. Mas o fontanário imaginativo do poeta, obriga-nos a continuar: «... Mas quem sabe, formoso lírio, / o que o sol pensa da noite?!» E quem não sente vibrar seu peito, diante da beleza sublime deste poema: «Deparei com a morte e interroguei-a / Quando é que ao certo devo acompanhar-te / Diz-me ela, sempre a caminhar na estrada / Vai perguntar à tua namorada / quando faz conta de deixar de amar-te!»

Poesia de tão fino quilate, de autêntico oar de lei, será sempre lembrada, pelo rolar dos tempos fora. Por isso, embora da beleza dos versos de António Fogaça, já tenham falado os escritores e poetas Miranda de Andrade, Urbano Tavares Rodrigues, Amândio César, e ainda há bem poucos dias, João Palma Ferreira, numa aclariada crítica à edição dos «Versos da Mocidade», saída a expensas da Câmara Municipal de Barcelos, gesto que merece os mais rasgados elogios, isso não impede que eu, apenas mero apreciador da poesia, venha, também, prestar publicamente as minhas sentidas homenagens ao poeta e, aproveitar o ensejo para, ao mesmo tempo, formular aqui os meus sinceros votos para que gestos como o que acaba de transpor os umbrais da Câmara Municipal de Barcelos, tenham, a par-

tir de tão boa hora, o seu contágio nas restantes câmaras do país, para, assim, num acto de justiça, se retirar das cinzas do esquecimento, a poesia de poetas como António Fogaça, e tantos outros. Pois tais gestos, além da nobreza de sentimentos que os envolve, não só enaltecem o nome desses municípios, como prestam uma grande ajuda às letras pátrias.

E que sem a ressurreição da boa poesia de ontem, facho da fogueira luminosa da poesia de hoje, grandes obras se diluirão no lago do húmido das covas da obscuridade, em prejuízo da literatura nacional.

Por isso, cabe aos vivos cuidar dos mortos, dando-lhes a ressurreição do espírito, luz que se projectará na literatura do futuro. Estes são, pois os votos mais sinceros do autor destas despreziosas linhas, nesta hora do dealbar dos centenários artísticos, cujo lançamento da primeira pedra, tanto se fica devendo, à Câmara Municipal de Barcelos, por feliz ideia dos que se encontram à frente dos destinos desse município. Aqui lhes deixo um obrigado sincero, como se filho fosse do poeta homenageado.

J. Santos Stockler



Santo Estêvão

Rancho Folclórico — No Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, realiza-se no próximo dia 7 do corrente, a final do 4.º festival do folclore nacional, organizado pelo sr. Serafim Gonçalves. O Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão mais uma vez vai participar na qualidade de único representante do Algarve. Tomam parte no grande festival, todos os agrupamentos das restantes províncias de Portugal, apurados nas eliminatórias do Porto, Coimbra e Lisboa.

Não queremos arriscar um vaticínio mas estamos certos de que a posição do grupo de Santo Estêvão será compatível com as suas vastas possibilidades sem aludirmos a classificações dos anos anteriores.

Para o referido agrupamento vão os nossos veementes votos por mais um êxito a alcançar.

Acto de benemerência — O sr. Domingos Sanches Uva residente em Lisboa, mas também proprietário em Santo Estêvão, mandou distribuir nesta freguesia um bode às classes menos abastadas, para assim poderem nestes dias festivos ter mais uns momentos de alegria em seus lares, mercê desse nobre exemplo de solidariedade humana, dada pelo sr. Domingos de Sousa Uva.

Os donativos constaram de 1 pão, 1 kg. de açúcar, 1 kg. de arroz, 1 litro de azeite, 1 litro de grãos, 1 repolho, 10 laranjas e 20\$00 em dinheiro total aproximadamente de 200\$00 para cada de 55 famílias contempladas. Bem haja. — C.

Concurso de Charolas na LUZ DE TAVIRA

Promovido pela Casa do Povo de Luz de Tavira, realizou-se ontem, no seu parque de diversões, um interessante concurso de Charolas, procurando assim dar alento a uma das velhas e interessantes tradições da freguesia e de uma maneira geral de toda esta região do Sotavento Algarvio.



Teatro António Pinheiro — Espectáculos da Semana.

Hoje — *La Fayette*, com Pascale Audret e Vitorio de Sica, 12 anos.

Terça-feira — *Tauro*, o da força bruta, com Joe Robinson e Bella Cortez, 12 anos.

Quinta-feira — *Poder Diabólico*, com Audie Murphy e John Saxon, 12 anos.

Sábado — *Tom Jones (Romântico e Aventureiro)* com Albert Finney e Susannah York. Em complemento, *Um homem só*, com Anthony Quinn e Katy Jurado, 17 anos.

Pequenos Apontamentos

HERÓIS

Está descoberta a cura de uma doença a Bilharzeose — que aflige 250 milhões de pessoas, principalmente as que habitam as regiões mais quentes do globo.

É transmitida por um parasita que se introduz no sangue e o depauperava enfraquecendo o indivíduo até o levar à morte.

Glorifiquemos os heróis que modestamente, obscuramente, trabalham durante gerações e gerações, cadeia infinita formada por atos de sacrifícios para nos darem o descanso contra males horríveis que nos afligem.

Eles são os verdadeiros heróis que lutam pela vida contra a morte e não procuram a morte para tirar a vida.

HABITAÇÕES

Em S. Mamede de Infesta, lá para os lados do Porto, os estudantes resolveram aplicar algumas das suas horas livres em obra proveitosa e lançaram-se à construção de moradias para gente necessitada e de que agora inauguraram oito.

Acorreram pessoas bem formadas que auxiliaram a iniciativa dos jovens escolares e parece que a tarefa vai continuar.

Não queremos agora aqui pôr em contraste o modo de agir destes moços com o de outros que para marcar *personalidade* deixam crescer as barbas e as melenas e nada de construtivo se aproveitam deles. Queremos salientar que muito se pode fazer com estas iniciativas privadas. Em Porto Salvo, o primeiro lugar que os mareantes das naus avistaram de volta da Índia, foram encontrar casas construídas pela associação de esforços dos que delas necessitavam.

Construíram também aí, e por este modo, o edifício das escolas, a sede de uma sociedade recreativa, etc. Em Aguiar da Beira também o prior local luta pela construção de habitação para esta associação.

Conhecemos em Alcoutim um homem, o Chico Barão, de seu nome completo Francisco Luís Gonçalves Barão, que vivendo num tugúrio que lhe foi cedido, construiu com o auxílio da mulher e nas escassas horas de folga uma moradia, que, sem ser de luxo, é aceitável. Construiu um bocado, amalhava uns dinheiros para madeiras, e voltava à sua faina.

Apontamos estes factos para que sirvam de exemplo e incentivo à resolução de um dos problemas mais aflictivos e confrangedores que amargura a humanidade.

ANIMAIS NOSSOS AMIGOS

Estimemos os animais. Sem eles, a sua amizade, a sua força, o que contribuem em vida e depois de mortos para a nossa alimentação, poderíamos viver? Mas tenhamos cuidado: os animais sofrem, têm doenças graves que podem ser transmitidas ao homem e muitas vezes o são.

Tivemos um amigo que na última vez que o encontramos, e foi na cama de um hospital, já tinha sido operado sete vezes a órgãos internos porquistidídico transmitido por um cão com quem muito brincava.

Devemos aos animais a nossa amizade e os nossos cuidados. Evitemos-lhe o sofrimento. Até aos animais o devemos evitar. Mas não tenhamos com eles convívio tão íntimo que nos possa ser prejudicial.

Principalmente as crianças que, sem consciência do perigo, se entregam a excessos que lhes podem ser fatais.

ANEDOTA

O menino faltou vários dias à escola e quando lá voltou a senhora professora, solicitou, inquiriu:

— Então, meu menino, faltas-te estes dias à escola. Foi por doença?

— Foi, sim, minha senhora. E disse minha mãe que era de gravidez.

A. P.

Vacinação Antipoliomielítica

Segundo nos informa a Delegação de Saúde Distrital das 45808 crianças de 3 meses a 9 anos recenseadas neste distrito, compareceram à primeira dose da vacinação antipoliomielítica 40 126 crianças, tendo-se, assim, atingido uma percentagem de 87,6% de vacinações no distrito de Faro, devendo-se o facto a todas as pessoas e entidades que colaboraram nesta útil campanha, nomeadamente os Professores do Ensino Primário, que se não negaram a esforços para cooperar com o maior interesse e carinho.

A segunda dose da mesma vacinação antipoliomielítica iniciou-se em todo o distrito de Faro, no dia 10 de Janeiro, nos mesmos locais onde as crianças fizeram a 1.ª dose e aguarda-se o mesmo interesse das populações para que se não perca o esforço inicial e os encargos a que a campanha obriga.

PARA OS NOSSOS POBRES

Do sr. Francisco Apolinário da Fonseca e Silva, recebemos a oferta de 10 pães e 8 papo-secos, que foram distribuídos pelos nossos pobres, na véspera do Natal. Em nome dos contemplados agradecemos.

2
DE
JANEIRO



Cristo das Trincheiras

POR

António Augusto Santos

RAIAVA a manhã no campo de batalha. Uma manhã gélida de «front», branca como o aço das baionetas em riste, fria como a carne vencida, estropiada, exposta pelo «cemitério» do «campo de ninguém». Na paisagem transfigurada nem a Vida, nem a Natureza vegetavam. Dir-se-ia ter caído sobre elas a maldição.

Apenas um silêncio de morte imperava como fera astuta, esperando a «vítima», nos covis das trincheiras. Havia poucas horas que 10 000 baixas se tinham sacrificado, em luta por esse «palmo de ninguém».

A própria orografia terrena alterava-se de hora para hora aos rugidos loucos do canhão, ora em crescendos, como se erudões vulcânicos a avulmassem; ora esventrada, em «hara-kiris» de abismos, que a metralha infatigável rasgava, como «coveira» da humanidade. Mas o homem continuava, apesar de tudo, até ao derradeiro homem, na ansia de vencer.

As águas altaneiras dos aviões, feridas de morte, precipitavam-se sem vôo, sobre a terra, esventradas de todo o seu alento de combustível, desenhado sobre o fundo cinzento tarjas negras dum luto pesado.

A batalha era agora muito outra. Diferente de Delacroix, esse inferno ultrapassava Dante e até o elogio da loucura pasmaria Erasmo. Austerlitz, Wagram, Moscovo, Trafalgar, nada se lhe assemelhava.

A neve cobria tudo, caindo, silenciosamente, num cântico de paz que os «lobos dos lobos» não entendiam na sua cegueira de luta e apenas sentiam nas suas carícias gélidas de morte, refutando-se-lhe ao aconchegarem mais a manta infecta e nojenta à epiderme em febre.

As metralhadoras continuavam incessantes, em série trepidantes, projectando «filmes de balas» de grande metragem no écran desolado dos lençóis de neve cor da morte, detendo os corpos rastejantes nos «raides» que, atingindo certeira, se ficavam em inércia, em grandes motivos de Angelo, de Rodin, de Moore, mãos enrespadas, olhares vítreos, como que pasmados de tudo aquilo, que viam e só passaram a compreender para além da morte...

Delimitando os dois campos opostos, apenas arame farpado vedava, esses dois mundos, circundando-os como uma gargantilha sufocante, onde os corpos fusilados pela sua heróicidade ficavam como líteres expostos ao gargalhar das metralhadoras maquiavélicas.

Defendia-se a todo o custo a aldeia X, centro estratégico, por obras infernais. Apenas esses homens figurantes do «carnaval da morte» constitulam os seus habitantes, dispostos a defendê-la até às cinzas duma Pompeia moderna. Para a frente!!! — clamavam os canhões numa voz de lume e de metralha, fazendo voar um a um os destroços irreconhecíveis da aldeia, reduzindo-a a pó, à metamorfose do nada...

Havia dez dias que as duas forças se opunham, balanceando-se em brutalidade, ganhando escassos metros de progresso, para logo ceder aos contra-ataques esse «terreno de ninguém». Da aldeia restava apenas um fragmento estranho da torre da igreja, «empunhado», como um capelão heróico,

a imagem de Cristo, que continuava a resistir ao alto, braços abertos, no desenho da cruz, como a oferecer o peito à ignomínia e ao ódio humanos.

A metralha continuava a incidir sobre os destroços da aldeia revolvendo-os, como um gato cioso de valores penetrado em casa alheia. Os tiros sibilavam, ferindo a atmosfera uivante, tentando arrazar tudo. E «Cristo» continuava a oferecer-se em espírito, na torre em ruínas, como exemplo de amor à voragem dos homens. Novas pedras da torre se foram «esfarelando» umas após outras, na certeza dos tiros, como se um buril descascasse no bronze as formas do inédito. «Jesus» era agora um novo milagre, ao alto, sustentado, por apoio quase inconcebível, da sua cruz...

Súbitamente a terra iluminara-se dum fogo estranho! Tudo estremeceu ao grito da granada poderosa, tal como se um cismico abalasse o orbe. Uma nuvem de fumo, de estilhaços e de poeira crescera no espaço, desenhando na tela fria desse amanhecer um «Himalaia» em tons de apocalipse. Depois a montanha desfizera-se como um ari. Após a sombra maquiavélica, voltara a manhã fria e pálida como o aço dum espelho. Os corpos soterrados na trincheira debandaram procurando sobreviver à superfície, ao ar, como ratos fugidos aos destroços, à ruína e à morte. E quando o pânico se desfez e os olhos humanos se desambaciaram para ver... volveram-se para «Cristo», o mais soldado e o mais heróico de todos; viram que continuava ao alto de braços abertos, oferecendo o peito a novas rajadas.

Atingida a torre por novo tiro e perdido o equilíbrio, «Jesus» tambaxa com a sua cruz, num semi motivo de Dally, readquirindo a imagem de há dois mil anos, cuspidos pela metralha, vajado pelo fogo, desamado dos homens impiedosos, vergado à cruz da redenção.

«Cristo das Trincheiras» passaram a ver Nele todos quantos lutavam, e todos, até ao fim da guerra, o veneraram, quantas vezes de peito em fogo e olhar em prece; quantas vezes morrendo de olhos vítreos cravados na sua pose curvada, como a suplicar a absolvição; tantas vezes ferindo a cerrar de dentes para suplicar o seu perdão, por matar contra os mandamentos.

E Jesus como que curvado sobre toda a tragédia para acreditar melhor continuou à mercê de tudo, suplicante: — «Perdoai-lhes, Pai; os homens não sabem o que fazem...»

CAFE-RESTAURANTE IMPERIAL

Terminadas as obras de restauração e modificação deste estabelecimento e aproveitando o aniversário natalício do seu proprietário, sr. Manuel da Conceição Firmino, teve lugar no dia 29 do passado mês de Dezembro a inauguração das novas instalações, que, diga-se de passagem, são dignas dos maiores elogios e que bastante embelezam a nossa terra.

Para assinalar o facto, o seu proprietário ofereceu aos seus amigos e clientes um banquete a que assistiram cerca de cento e cinquenta convidados. Aos brindes usaram da palavra os srs. José Emídio Fernandes Sotero e Sebastião Leiria, os quais elogiaram as boas qualidades do homenageado e agradeceram em nome dos presentes o convite e desejaram as maiores felicidades na continuação do seu comércio.

Por um grupo de amigos foi oferecido ao sr. Manuel Firmino uma salva de prata onde se encontrava gravada a data do seu aniversário natalício, que comovidamente agradeceu.

A festa que começou cerca das 22 horas, prolongou-se até altas horas da madrugada.